



Meus queridos amigos, bom dia! Um ótimo sábado e um final de semana de descanso e paz para você e todos os seus. Como de praxe, adentraremos em mais um capítulo do livro “Vida de Jesus”, de Plínio Salgado. Chegamos ao 43ª Capítulo, desta feita intitulado “O enigma decifrado”. O autor nos remeterá ao Capítulo 5, do Evangelho de João, principiando com a cura de um paralítico em Betesda. Sigamos ao texto:

O ENIGMA DECIFRADO - Parte 1

Era na festa de Pentecostes, em Je rusalém.

Pelas portas abertas nas muralhas, incessantes multidões, que derivavam das montanhas de Efraim ou subiam, pela estrada de Jericó, atingindo os aclives de Betfagé e da Betânia, entravam cantando os velhos hinos, com palavras dos Salmos e a cadência religiosa dos alaúdes.

O bairro popular coloria-se de mantos e túnicas, laços festivos à ponta das aspas dos novilhos e vivazes xairéis a ornamentar os jumentos. Em gaiolas de cana amarela, pombas batiam as asas ao sol. Crescia o escachoante zumbido popular.

Resplandeciam na alta encosta, banhados pelo sol matutino, os palácios de Herodes, de Caifás e dos antigos Asmoneus, olhando para o Templo, circundado de torreões e abrindo os pórticos sobre as escadarias que levavam à larga praça dos gentios e ao átrio de Israel. A torre Antônia fechava o panorama, com muros dentados.

O movimento recrudescia à proporção que novos grupos chegavam pelas portas de Jafa e de Damasco. A multidão ia-se alcandorando pelas colinas de Ofel e de Acra, derramando-se pelo vale de Geena e espalhando-se pela cidade baixa, até a fonte de Siloé. Os guardas da atalaia romana, ou das alcáçovas de Fasaél, que cintavam o palácio de Herodes, descortinavam, num ondular contínuo pelos vales de Rafaim ou de Cédron, as turbas, cavalgando jericos ou marchando a pé, a agitar ramos verdes e a apontar com os braços estendidos as torres e as cúpulas.

Acompanhando os peregrinos, acorriam aleijados, paráliticos e cegos, porque a festa lhes oferecia uma oportunidade de cura. Vinham com o pensamento fixo na piscina de Betesda.

A água milagrosa jorrava num tanque, fora dos muros, próximo à Porta das Ovelhas, entre a torre Antônia e o horto de Getsemani.

Desde a véspera, os doentes eram colocados sob os cinco alpendres sustentados por colunatas, em torno da piscina.

Cada qual procurava chegar mais cedo e tomar o melhor posto, de onde pudesse atirar-se à água, no momento propício; porque ao romper da aurora, ou durante a manhã de Pentecostes, um anjo revolvía a linfa, e o primeiro que lograsse mergulhar nela ficaria livre que qualquer enfermidade.

Às primeiras horas matinais, enfermos, parentes e curiosos se apinhavam nos alpendres. E, quanto alguém gritava que a água se movera, grande tumulto explodia: os cegos batiam-se contra as colunas, os paráliticos arrastavam-se, os coxos tombavam, e alguns, em suprema angústia, lutavam contra o corpo, ferindo-se e praguejando. A esse tempo, o mais lépido, o menos doente, mergulhava no tanque; os outros corpos despenhavam-se espadanando a água; e a maior parte dos enfermos gemia na plataforma, lamentando a sua impotência e desventura.

Naquela manhã, estava ali um homem que, em 38 anos, viera 38 vezes tentar a cura na fonte milagrosa.

No começo da paralisia, tivera parentes que o carregavam cheios de amor, tentando mergulhá-lo à hora em que se dizia que o anjo fizera ferver a água. Mas os parentes foram morrendo e, ao fim de quinze anos, o entrevado não contava senão com alguns amigos. Decorrido mais algum tempo, uma parte dos amigos morreu, outros mudaram-se para outras terras, e os poucos restantes começaram a cansar, a desiludi-lo.

Só a esperança do entrevado não esmorecera. Envelhecia com ela.

Seus cabelos e barbas ficaram grisalhos, depois alvejavam como a neve; porém a esperança permanecia nele. Durante doze meses, falava acerca da piscina. Os que o ouviam encolhiam os ombros; já se tinham habituado a vê-lo assim, com as pernas secas estendidas ao sol.

Em trinta anos, tudo gradualmente se altera em torno de um homem. A morte vai ceifando a uns, outros vão envelhecendo, mudando-se; novas gerações nascem. As fisionomias são outras, outros os costumes...

O paralítico estava na flor da juventude, quando enfermou; decorridos trezentos e sessenta meses, era um estranho, fora do seu mundo. Passava os dias sozinho, evocando os que se foram, convivendo com as sombras.

Por que não havia de sarar?

Não querendo ninguém mais levá-lo à piscina, gastou os últimos recursos, pagando a condução a recoveiros ou a vagabundos, que lhe extorquiam os últimos ceitis. Finalmente, nada mais possuindo, pôs-se a mendigar. Recolhia as moedas de cobre num saquitel, durante todo o ano, até à festa de Pentecostes, quando oferecia todo o dinheiro amealhado em troca de dois braços que o soerguessem e levassem ao tanque de Betesda.

Achava-se agora tão envelhecido e alquebrado, que as forças já se lhe minguavam até para esmolar, e os óbolos recolhidos mal lhe permitiam obter de algum vagabundo, desses que andam pelas estradas e dormem ao relento, o auxílio de o arrastar, pela poeira dos caminhos, até à Porta das Ovelhas. “Que pretende ainda esse homem?” diziam outros enfermos de maior vigor para atingir a água milagrosa. “Acaso não vê que está velho, poucos dias lhe restando de vida?” perguntavam os cegos que ouviam os seus lamentos e os leprosos que viam a sua angústia. E não existia ali ninguém que o tivesse conhecido, quando rijos eram os seus músculos e alegre o seu parecer, porquanto a geração que o contemplara nos dias da juventude, de há muito repousava nos sepulcros.

Brilhava o sol na hora quarta, quanto o entrevado, na sua enxerga, sob o alpendre do tanque, fixava os olhos aflitos na superfície da água levemente crespas. As pupilas dilatadas, o peito oprimido, já não tinha uma palavra de apelo aos homens sensíveis à sua dor e à sua fé. O anjo, talvez dentro de minutos, revolveria a piscina; e, como todos os anos, -- e isso acontecera trinta e sete vezes! --, os mais afortunados mergulhariam no líquido salvador, e ele volveria mais triste, com o corpo mais pesado, porque a asa da esperança mais uma vez se afastaria na distância de doze longos meses...

Estava a pensar assim, quando alguém, um homem ainda moço e de olhar amigo, lhe perguntou:

- *Queres ficar são?*

Imaginando comover o interrogador e obter-lhe o auxílio dos braços fortes, o entrevado respondeu:

- *Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me meta do tanque; e, enquanto vou arrastando, desce outro antes de mim.*

O desconhecido, fitando-o firmemente, ordenou-lhe:

- *Levanta-te, toma a tua cama, e anda!*

O entrevado estremeceu; seus olhos fulguraram; um sorriso iluminou-lhe o rosto; e, de um salto, ficou de pé. Em seguida, alçou a enxerga aos ombros, deu alguns passos recuando sempre o olhar para o homem estranho e misterioso; depois, ganhou o pórtico, voltou as costas e, lançando-se em desabalada carreira, pôs a gritar:

- *Um homem curou-me! Um homem curou-me!*

Ao atingir a Porta das Ovelhas, um grupo de fariseus o deteve:

- *Para, insensato! Como ousas transgredir o sábado, carregando o teu leito?*

- *O sábado?*

- *Ignoras, então, que hoje é sábado? E que nenhum trabalho se pode fazer?*

O interpelado gaguejou, tão fora de si, na sua alegria; mas, perturbando-se, ante os olhares coléricos dos que o cercavam, exclamou:

- *Há trinta e oito anos que eu estava paralítico e jamais encontrei palavras de esperança; agora, que me curaram, em vez de encontrar regozijo, encontro as vossas advertências? Pois se estou carregando a minha cama, a culpa não me cabe. Perguntai àquele que me curou. Foi Ele quem me disse: Toma a tua cama e anda!*

Os fariseus entreolharam-se. E um dos censores perguntou cheio de cólera:

- *Quem é o homem que tal pecado te ordenou que praticasses?*

Apontando para os lados da piscina, o feliz pecador exclamou:

- Procurai-o naquela multidão, que talvez o encontréis. Quanto a mim, ignoro-lhe o nome e a procedência e apenas sei que é o homem que me curou.